Novo
Boletim Bibliográfico
Informativo da Fundação Vingt-un Rosado
Mossoró - Rio Grande do Norte
Ano 70 - Número 161 - Outubro de 2018

As dificuldades financeiras que a Fundação Vingt-un Rosado passa, são muitas, mas foram amenizadas por algumas ações que estão acontecendo desde o período que ela chegou nas dependências da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte.

O pontapé inicial foi o lançamento do movimento "Mantenha a Coleção Mossoroense Viva" através de recebimento de doações por meio do pagseguro. A injeção de ânimo foi acanhada, mas serviu para sonhar mais alto e este sonho começou a tomar forma quando houve a boa notícia de utilização de uma nova conta bancária para recebimento das contribuições monetárias.

Os donativos serão utilizados, além da manutenção da Fundação Vingt-un, ajudar os escritores nas suas publicações literárias.

Então, se você tem interesse em manter a Coleção Mossoroense viva e o sonho vingtaneano ativo, não deixe de doar.

Deposite, transfira, colabore. Qualquer valor é sempre bem-vindo.

Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90 / Banco do Brasil - Agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.

Repetindo: **Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90 / Banco do Brasil, Agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.**

Sua contribuição é muito importante para que novos talentos sejam descobertos e o veteranos continuem mostrando suas habilidades com as letras.

BANCO DO BRASIL

Fundação Vingt-un Rosado / Agência 0036-1 / Conta 153714-8

Notícias da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte

As notícias da biblioteca chegam de maneira festiva. No mês de comemoração à criança, a Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte apresentou uma programação especial.

A festa aconteceu com a participação de Unidades de Ensinos Infantil (UEI) municipais de vários locais da cidade com agendamento e várias outras instituições de ensino infantil da rede estadual e particular.

Houve participação especial da palhaça Paçoca fazendo brincadeiras e cantando músicas infantis para a criançada.

O palhaço Gaspar, sempre presente no acompanhamento das visitas das crianças, também contribuiu para felicidade da criançada.

As brincadeiras foram realizadas tanto no auditório quando no Salão Marieta Lima. O grupo "Solon em Movimento", da Escola Estadual Professor Solon Moura, teve participação especial nas festividades da criançada.

A estatística da biblioteca acompanhou um crescimento significativo. No acervo infantil, a biblioteca municipal recebeu algo em torno de 276 alunos.

A Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte tem o horário de funcionamento de segunda à sexta, das 8h às 19h ao público em geral.

No seu terceiro andar está situada a Fundação Vingt-un Rosado e o acervo da Coleção Mossoroense. O horário de visitas neste setor é de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e 13h às 17h.

A biblioteca municipal funciona, também, em horários extraordinários para eventos agendados. Para agendar sua visita ou para eventos, entre em contato através dos seguintes telefones: (84) 3315-5177 / 3315 5178 ou 3315 5179, com Júlia Azevedo, ou ainda pelo endereço virtual https://www.facebook.com/bibliotecaneypontesduarte.

Novo

Boletim Bibliográfico

Fundação Vingt-un Rosado

Praça da Redenção Dorian Jorge Freire, 17 - Centro, Mossoró/RN - Brasil - CEP: 59600-065 - Telefone: 84 98725-8738 e 98822-1721 — (WhatsApp) / 3315-5177.

https://colecaomossoroense.org.br
E-mail - fvrcm@uol.com.br

EXPEDIENTE

Diretor Executivo: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho

Projeto Gráfico: Geraldo Maia

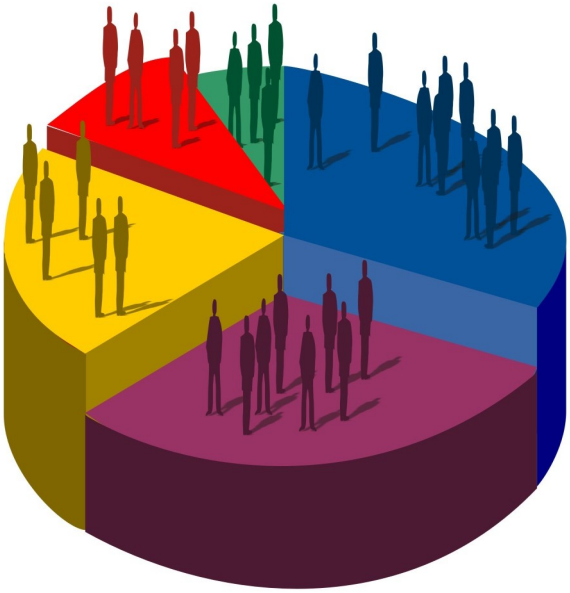
Colaboradores: Geraldo Maia, Asclépius Saraiva, Eriberto Monteiro, Maria das Graças Henrique, Maurílio Carneiro, Francisca Maria de Araújo, Júlia Azevedo, Airton Cilon, Zenóbio Oliveira das Aguilhadas, David de Medeiros Leite, Fátima Feitosa, Eduardo Pinto.

Editoração e Revisão: Eriberto Monteiro

Segue, abaixo, a estatística do mês de outubro de 2018 da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte:

AUDITÓRIO

Treinamento de Saúde Mental - 20 participantes;
Semana da Criança – 40 participantes;
Treinamento de Saúde Mental - 23 participantes;
Solenidade Tributo à Lauro da Escóssia – 36 participantes;
Reunião professor Francisco Carlos – 10 participantes;
Secretaria Municipal de Educação – 34 participantes;
Reunião diretores pedagógico S.M.E. – 38 participantes;
Diretores pedagógico S.M.E – 34 participantes;
Intervenção com psicólogo S.M. Saúde – 30 participantes;
Total: 265 participantes.



SALÃO MARIETA LIMA

Semana da Criança (comemoração) – 39 participantes;
Comemoração dia da criança – 24 participantes;
Oficina à saúde S.M. Saúde – 38 participantes;
Comemoração semana da criança – 40 participantes;
Intervenção com psicólogo S.M. Saúde – 30 participantes;
Total – 171 participantes.

Estatística dos setores da biblioteca:

Setores	Número de usuário de cada setor
Recepção (visitante em geral)	402
Acervo geral	127
Acervo de Referência	05
Hemeroteca	05
Coleção Mossoroense (acervo da biblioteca municipal) / Coleção RN	42
Coleção Mossoroense (Fundação Vingt-un Rosado)	53
Acervo infantil	276
Estudo Coletivo	-
Empréstimo	44
Devolução	10
Carteira de Usuário	10
Auditório - Eventos	265
Salão Marieta Lima – Eventos	171
Estudo individual	-

Notícias do Museu Histórico "Lauro da Escóssia

Toda equipe do museu tem se dedicado ao máximo em atender bem seus visitantes, seja eles nativos ou não. Desta maneira, vem fazendo com que eles se sintam acolhidos em suas visitas, levando assim, nossa cultura as suas cidades de origem.

A Visitação do mês de outubro 2018 teve o total de 1801 visitantes, eles divididos em 127 sem agendamento prévio e 1.674 visitantes com agendamento prévio.

Alunos de escolas municipais, estaduais e particulares. Turistas de várias cidades do Brasil, dentre elas São Paulo (SP), Brasília (DF), São Luís (MA), Vitória (ES), Curitiba (PR) e Estrela (RS) fizeram parte numérica da visitação.

A Faixa etária de visita variou entre: 69% - de 0 a 14 anos de idade; 21% - de 15 a 29 anos de idade; e 10% - acima de 30 anos de idade.

A dedicação da equipe do museu tem atraído inúmeros parceiros, como da secretaria municipal de turismo na pessoa de Milena e demais guias turísticos que colocam em suas rotas o museu, como Márcio, Gorete, Neto, Robson, Luzete, Wilton e os OTLs (Orientadores Turísticos Locais).

O museu comemorou os 146 anos do jornal local, "O Mossoroense". Várias escolas, universidades, faculdades fizeram visitas neste momento festivo. O diretor executivo Asclépius Saraiva divulgou, através das mídias da cidade, esta data memorável de Mossoró de um dos periódicos mais antigos do Brasil, ficando atrás de Correio Brasiliense (1808) e o Diário de Pernambuco (1825). Vale ressaltar que o jornal "O Mossoroense" foi o 1º jornal do interior brasileiro, fundado em 17/10/1872.

Asclépius Saraiva, em trabalho de divulgação do museu, visitou o universo acadêmico, buscando a realização de trabalho de extensão e fazendo com que os mestres realizem visitas presenciais em suas atividades.

Neste mês de outubro o museu, juntamente com escolas locais, fizeram trabalho de inclusão social ao trabalho de museologia.

Houve um trabalho com a pessoal do museu para desenvolvimento funcional e, segundo seu diretor, "seremos pessoas melhores a cada dia". Ele enfatiza ainda que "é importante ressaltar que história não estuda os mortos, mas os vivos do passado. Ao estudar os fatos históricos. Devemos construir, nas gerações atuais, a influência dos seres vivos do passado na construção do presente e na projeção do futuro, buscando oferecer sentido e importância para nossos alunos, turistas e sociedade em geral".

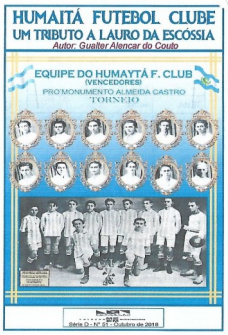
Ascléspius Saraiva faz uma observação a respeito das visitas: o Eco ponto. Segundo ele, "os visitantes valorizam o nosso Eco ponto localizado na praça em frente ao nosso museu que faz a alegria de todos que ali experimenta o mistério acústico existente. Para quem não sabia sobre este atrativo do museu, ótimo momento para visitá-lo e conhecê-lo

Ainda durante o mês de outubro, houve visita do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) ao museu, inspecionando o acervo de arqueologia e patrimônio como um todo.

No Museu Histórico Lauro da Escóssia você conhece sua história, sua cultura e ainda aprende sobre ela. Agende sua visita, através dos contatos: (84) 3315 4778/4776 ou (84) 98103-3810 (WhatsApp). O horário de funcionamento é de terça à sexta, das 7h30 às 13h e aos sábados, das 7h às 11h. Funciona também em horários extraordinários, desde que seja devidamente agendada a visita.

Eriberto Monteiro
eribertomonteiro@hotmail.com

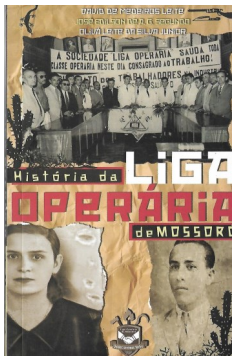
Dicas de Leitura



Humaitá Futebol Clube - Um tributo à Lauro da Escóssia

Autor: Gualter Alencar - Volume: 51 - Ano: 2018 - Série D - 8 páginas - Formato: 10,6 x 15

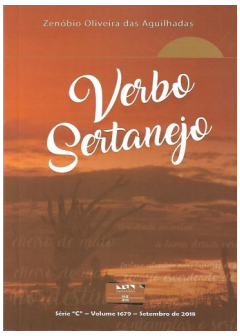
Oficialmente, futebol de Mossoró começou a contar sua história a partir da criação do primeiro grêmio esportivo denominado Humaytá Futebol Clube, exatamente, em 14 de outubro de 1919. Esta belíssima história é retratada neste trabalho de cordel do poeta cordelista Gualter Alencar com um detalhado relato histórico de outrora desta equipe futebolística.



História da Liga Operária de Mossoró

Autores: David Leite, José Edilson Segundo e Olivá Leite da Silva- Volume: 1675 - Ano: 2018 - Série C - 156 páginas - Formato: 14,8 x 21

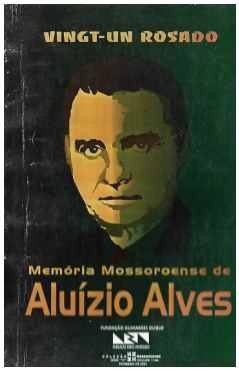
A Liga é ainda o embrião do chamado Sindicato do Garrancho e do Partido Comunista Brasileiro no Rio Grande do Norte. Esta obra, lançada na Feira do Livro de Mossoró deste ano, resgata a Liga Operária de Mossoró através de outras bibliografias, de imagens, documentos e entrevistas.



Verbo Sertanejo

Autor: Zenóbio Oliveira das Aguilhadas - Volume: 1679 - Ano: 2018 - Série C - 102 páginas - Formato: 14,7 x 21

A obra "Verbo Sertanejo" é o primeiro livro do jornalista Zenóbio Oliveira das Aguilhadas. Ela traz a verve poética do autor sob os sentimentos presenciados e vividos num mundo de realidade e emoções. É uma coletânea de 62 poesias como sonetos, esparsas, cordéis e versos diversos.



Memória Mossoroense de Aluísio Alves

Autor: Vingt-un Rosado - Volume: 1144 - Ano: 2001 - Série C - 182 páginas - Formato: 14,9 x 19,2

Obra do saudoso Vingt-un Rosado. Ela relembra os inúmeros fatos acontecidos com Aluísio Alves, na cidade de Mossoró, dentre eles, fatos políticos de outrora.

Acredite:

É a Maior Edição de Livros do Mundo

Geraldo Maia do Nascimento
gemaia1@gmail.com

Informações para a História do Comércio de Mossoró

Em 16 de novembro de 1868 era instalada em Mossoró a casa Graff, uma firma exportadora que exercia o comércio de compra de material nativo, mantendo intercâmbio com firmas das praças de Liverpool e Londres, na Inglaterra.

Johan Ulrich Graff, cidadão suíço, industrial e presbiteriano, chegou ao Rio Grande do Norte para se estabelecer comercialmente. Fundou, em Natal, a "Casa Graff", especializada na compra e venda de produtos regionais, tais como algodão, açúcar, pau-brasil, cera-de-carnaúba etc. tornando-se, em pouco tempo, uma das maiores e mais bem conceituadas empresa do Estado, sendo a única firma capaz de realizar importações diretas de 140.000$ (Cento e quarenta contos de Réis), o que representava uma verdadeira fortuna para a época.

Convencido a se instalar em Mossoró pelo padre Antônio Joaquim, fundador do Partido Conservador do qual foi seu chefe por toda a vida e grande incentivador do crescimento econômico da cidade, veio a estabelecer aqui a sua matriz, deixando, em Natal, apenas uma filial, que foi fechada em 1873.

A situação privilegiada da cidade, equidistante de duas capitais, Natal e Fortaleza, ao mesmo tempo que dividia o litoral do sertão, fazia de Mossoró uma praça comercial perfeita. Na segunda metade do Século XIX, Mossoró aparecia como o "lugar privilegiado", sentado na área de transição entre a economia do litoral representada principalmente pelo sal e o peixe, e a economia do Sertão representada pela pecuária, o algodão e principalmente as peles de animais. Mossoró tornava-se assim o lugar de troca, recebendo mercadorias de outras praças do país e do exterior e embarcando pelo seu porto, o porto de Areia Branca que, na época, pertencia a Mossoró, a produção regional que se destinava aos mercados nacionais e internacionais. Esse crescimento comercial serviu de chamariz para os grandes comerciantes, que viam em Mossoró o lugar ideal para desenvolverem os seus negócios.

Ulrich Graff, para instalar o seu comércio em Mossoró, adquiriu um grande terreno de Souza Nogueira, pela elevada quantia de 500$000 (quinhentos mil réis). Para se avaliar o que significava esse valor para a época, basta dizer que o orçamento votado pela Câmara Municipal para o ano de 1867, não passava de 251$000 (duzentos e cinquenta e um mil réis).

Era um grande empreendedor. Entendia Graff que o progresso de Mossoró dependia da velocidade com que conseguisse importar e exportar os seus produtos. A tropa de burros, que até então transportava as mercadorias, já não era suficiente para atender a um mercado crescente como o de Mossoró, que naquela época era tida como empório comercial. Fazia-se mister a construção de uma ferrovia, que entre outros benefícios, baratearia os fretes e diminuiria o tempo de transporte. E passou a lutar por essa ferrovia, encabeçando ele mesmo a empreitada.

Em 26 de agosto de 1875 era dada uma concessão, através da Lei nº 742, da Presidência da Província do Rio Grande do Norte, ao comerciante suíço Jonh Ulrich Graff, para a construção de uma estrada de ferro ligando Mossoró a Petrolina, na Bahia. Mas por falta de recursos, o projeto caducou. Graff chegou a criar uma empresa e oferecer cotas às pessoas de recursos, como se dizia naquela época, aqui residentes. Mas não conseguiu o suficiente para viabilizar o projeto.

E ainda mais: foi ideia sua a criação de um núcleo agrícola para preparar mão de obra especializada. Esse projeto foi implantado em Mossoró, mais de um século depois, com a instalação da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, hoje Universidade Federal Agrícola do Semiárido – UFERSA.

Com a liquidação das Casas Graff de Mossoró, que passou para Conrado Mayer, Ulrich Graff viajou para o extremo norte, onde tinha ramos de negócios, e teria morrido, conforme Romão Filgueira, em plena região amazônica, vítima de febre intermitente. Acrescentava o informante que, ao que se sabia, o corpo do grande idealista Ulrich Graff teria ficado insepulto.

Acesse o site https://colecaomossoroense.org.br
e fique por dentro das informações da Fundação Vingt-un Rosado

Cantinho da Poesia

Quixote esperançoso

Airton Cilon

A vida segue;
e junto à poesia
um lugar incerto,
um jeito torto de amar...
O poeta é um ser imperfeito,
um Quixote esperançoso.

Cruzada Divina
Zenóbio Oliveira das Aguilhadas

Galopada de feras indomadas,
Montadas por ginetes paladinos,
Com arpões e gládios viperinos,
Na mais sacrossanta das cruzadas.
É a marcha das honras ilibadas,
Contra essa ditadura de ateus,
Pervertidos, corruptos, fariseus,
Em prol da salvação dos bens morais,
Por nossos filhos e por nossos pais,
Por mim, por ti, por nós, por Deus.

Verão Ibérico

David de Medeiros Leite

No cálido julho,
O mágico brilho
traz o verão para o centro da vida.

É verão nas ribeiras verdejantes de alegria:
verão de Salamanca,
verão em Figueira da Foz.

Em Madri,
da porta do Sol ao Parque do Retiro,
o verão arde
-em alongados dias -
Ao encontro da sobretarde.

Primavera

Eduardo Pinto

Ter o seu corpinho quente
Junto ao meu
Com esse par de flores amarelas
Nos seus olhos.

Quando estamos deitados
Na rede vermelha feito rosa
Sinto uma brisa suave
Primaveril

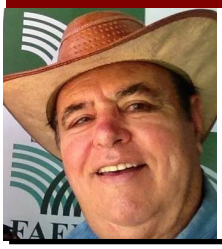
Você é meu jardim
Coloridos de pétalas
Que brotam, Encantadoras

Meu Lírio

Ando

Fátima Feitosa

Ando por aí, pela vida
Sem porto, mas com guarida
O céu me cobre o teto
Azul, anil descoberto
Dentro de mim se esconde
O barulho do desconhecido
Já que a vida me ensina
Que cada dia tenho o que aprender
Pois o meu hoje não é o de ontem
E assim se abrem novos horizontes.



Benedito Vasconcelos Mendes
beneditovasconcelos@gmail.com

VELÓRIO E ENTERRO SERTANEJOS

Algumas das lembranças de minha infância, que se mantêm muito viva na minha memória, são as cenas dos rituais de um velório e enterro típicos sertanejos, que acompanhei quando assisti aos funerais do pequeno fazendeiro David Bezerra Pinheiro, irmão do vaqueiro Sales, da Fazenda Aracati. Certa manhã, o Sales foi comunicado que seu irmão mais novo, David, tinha sofrido um ataque do coração e estava muito doente, em sua casa na cidade de Miraíma, a 25 quilômetros da Fazenda Aracati. Meu avô vestiu seu conjunto de mescla azul, com camisa de quatro bolsos, com grandes botões pretos, calçou seu sapato de cadarço, colocou na cabeça seu chapéu de massa, de cor cinza e da marca Cury, chamou o Sales, o meu tio Francisco das Chagas Mendes (Tio Francisquinho) e eu, para irmos, com urgência, no Jeep Willys, ano 1954, cara alta, de propriedade do meu referido tio, até a cidade de Miraíma para visitar o irmão do Sales. Meu tio Francisquinho ia dirigindo o seu Jeep em alta velocidade, talvez puxando, em média, 70 quilômetros por hora, na poeirenta e esburacada estrada carroçal, que unia o Distrito de Caracará à cidade de Miraíma. Ao chegar na residência do irmão do Sales que estava doente, recebemos a trágica notícia que o mesmo tinha morrido. Sem perca de tempo, o Sales começou a comandar o ritual do velório, preparando o defunto para o enterro. Primeiramente, o Sales formou uma equipe de trabalho formada por um vizinho de David e por um sobrinho. Em obediência aos costumes e tradições sertanejos, deram banho no morto, cortaram suas unhas, tiraram a barba, apararam o bigode e o cabelo, recolheram todos os objetos metálicos que ele usava, como medalha, cordão de ouro, aliança de casamento, relógio e até arrancaram, com a ponta de um punhal, um dente canino de ouro, que ele tinha na boca. A esposa do vizinho, que estava ajudando no preparo do defunto, comprou no armazém ao lado cerca de três metros e meio de morim (tecido de algodão da cor branca) e rapidamente confeccionou a mortalha e levou-a para ser vestida no morto. O Sales encomendou, ao Seu Expedito Carpinteiro, a feitura de um caixão de pau-branco, revestido de tecido preto, com seis aselhas de ferro batido, pintadas de preto. O Tião Ferreiro, da Vila de Aracatiaçu, ficou encarregado de fazer as aselhas de ferro, pintar com tinta a óleo preta e parafusar no caixão.

À noite, com o defunto já dentro do caixão e exposto na sala da frente da residência, iniciou-se as rezas e o recebimento, pela esposa, filhos, irmãos e outros familiares, das condolências dos amigos que estavam chegando de fazendas, vilas e de outras cidades para participar do velório e do enterro no cemitério local. Ao escurecer, o Sales, em cumprimento a um costume regional, derramou a água das quartinhas e dos potes de água para beber da casa do finado.

Mandou matar um carneiro, um porco, algumas galinhas caipiras e pediu para preparar muito arroz vermelho e farofa de torresmo de porco com farinha de mandioca para os participantes do velório comerem durante a noite. Na bodega ao lado foram compradas dez garrafas de cachaça serrana, para não faltar reza e alegria na despedida do seu ente querido. Dona Raimunda, mulher do Sacristão, acendeu as velas ao redor do caixão e puxou o terço, sendo acompanhada pelas mulheres presentes.

Os homens, no alpendre, bebiam cachaça, conversavam e faziam algazarra. Mais ou menos às nove horas da noite chegaram, das fazendas e vilas vizinhas, quatro carpideiras vestidas de preto para chorar o morto. Nos intervalos das orações fúnebres, entravam o choro e as lamúrias das carpideiras, que derramavam muitas lágrimas e externavam, em voz alta, suas lamentações. Estas carpideiras não recebiam dinheiro pelo seu trabalho de elogiar e de chorar o morto, pois elas faziam por prazer e exigiam apenas os agradecimentos dos familiares do cadáver. Elas externavam tão bem os sentimentos de tristeza que as lágrimas pareciam ser o resultado de um grande sofrimento. Durante toda a sentinela, ao longo da noite, houve muita reza (benditos, ofícios, ladainhas e incelências) e muito choro das carpideiras, além da alegria dos que bebiam e comiam no alpendre. Ao amanhecer o dia, o Eufrásio Sacristão foi chamar o Padre Antônio José para encomendar o corpo e celebrar a Missa de Corpo Presente. Depois da Santa Missa, o Sales deu ordem para não permitir que nenhum bêbado pegasse na aselha do caixão, pois podia derrubar o falecido. Ao chegar no Campo Santo, o Sales e mais três outras pessoas retiraram o defunto do caixão e inumaram o corpo em contato direto com a terra. O caixão não foi enterrado. O corpo foi coberto com terra, sem proteção de paredes de alvenaria. Cada acompanhante do enterro colocava uma mancheia de terra sobre o morto. A cova era profunda, para evitar que o falecido fosse molestado por cachorros ou outros animais. O Sales chumbou, em frente a cova, a cruz de madeira contendo o nome, a data de nascimento e a data do falecimento, pintados de preto, sobre a cruz de cor branca. Após o enterro, os presentes colocaram pequenas pedras no pé e sobre os braços da cruz.

Todos estes costumes, crenças e tradições ligados aos funerais sertanejos são de origem judaica, trazidos pelos Cristãos Novos, que vieram de Portugal como colonizadores do sertão quente e seco nordestino, no final do Século XVII e início do Século XVIII.

Curioso também é o enterro de anjinhos no sertão nordestino. Tive oportunidade de presenciar algumas exéquias de criancinhas na Vila de Caracará. Diferentemente dos funerais de adultos, no enterro de criancinha não se chora e sim cria-se um ambiente de alegria e de festa. Todos querem levar nos braços, por uma certa distância, o caixãozinho azul com a criancinha morta. O pequeno caixão fica cheio de flores silvestres. Todos querer colocar, sobre o anjinho, flores e raminhos de plantas regionais. O cortejo até o Cemitério é feito com muitos cânticos, benditos, incelências, ofícios e ladainhas, especialmente o Ofício das Almas, que é acompanhado por rabecas, violas, pífanos de taboca, tambores e maracás. Acredita-se que a criancinha, por ser inocente e não ter pecados, será recebida no Céu por Maria Santíssima e São José. Fazem bilhetes endereçados à Nossa Senhora, pedindo graças e milagres e colocam os mesmos no caixãozinho do anjinho, pois ele é considerado uma criatura celestial e mensageira dos pedidos das pessoas aqui da terra para Nossa Senhora e seu filho Jesus Cristo. Obrigado

Primeiras Notícias do Rio Mossoró

Bruno Ernesto Clemente - Advogado, pesquisador e membro da Academia de Ciências Jurídicas e Sociais (ACJUS)

Um dos principais problemas que envolvem a denominação do rio Mossoró dá-se ao fato de que pouco ou quase nada existe de registros dos primeiros momentos de ocupação da sua área. E datar sua descoberta não é uma unanimidade.

Um dos critérios para sua identificação enquanto rio é a verificação da cartografia produzida nos primeiros Séculos de ocupação, notadamente, XVII e XVIII e nas datas de sesmarias concedidas.

Antes mesmo das concessões de datas de sesmarias, as referências bibliográficas e documentais dão conta de que os poucos avistamentos da costa relatam apenas a existência dos gentios, no caso, os potiguaras, que viviam no litoral.

Dada à peculiaridade que envolve o rio Mossoró é, no entanto, muito mais difícil se estabelecer tal marco, pois as dominações das possessões portuguesas na região só contém registros esparsos a partir do Século XVII na região do rio Assu, a partir de datas de sesmarias, sem, contudo, descrever a existência do rio Mossoró.

Tal denominação, só é dada referência a partir do Século XVII, com data de sesmaria em 1710 - data esta sem especificar qual seja referido documento - e do ano de 1772 no livro de tombo da igreja de Mossoró, à época vinculada à vila do Aracati, quando se registrou em 04 de agosto daquele ano que:

> *"Diz o Sargento-mór Antônio de Souza Machado e sua mulher D. Rosa Fernandes que eles tem feito patrimônio para o fim de erigir uma capela com a invocação de Santa Luzia da ribeira do Mossoró, freguesia de Nossa Senhora da Conceição e de S. João Batista das várzeas do Apodi (...)".*

Vê-se, portanto, a imprecisão a respeito da provável data de descobrimento do rio Mossoró, sob o domínio português, sobretudo quando em vários mapas quinhentistas o rio Apodi ou Mossoró é denominado de São Miguel, cuja denominação, segundo anota ROSADO,

> *"Já no mapa de Viegas (1534) encontra-se "Serras de S. Miguel", expressão repetida nos de Descaliers, Vaz Dourado, Doet e outros. É possível que a denominação. Tirada do agiológio católico, provenha do descobrimento ou, antes, do dia em que o perfil montanhoso foi notado e batizado. Neste caso, teria isto acontecido no dia 29 de setembro de uma ano qualquer, antes de 1516"*

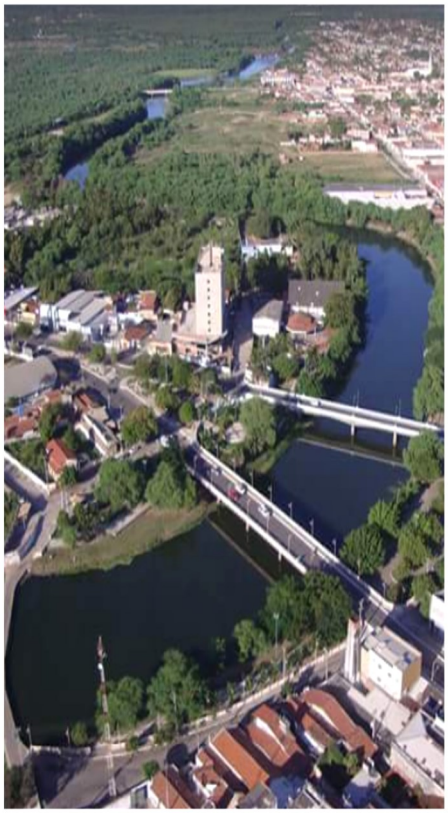
De igual forma, anotou FILHO, ao indicar que Jacob Rabbi, em sua viagem ao litoral do Rio Grande do Norte, descreveu o rio Opponne, que compreende o rio Apodi-Mossoró, também denominado Upanema e outrora São Miguel, confirmando o hagiológio católico.

Entretanto, sob o domínio holandês, a capitania do Rio Grande possui mais e precisos registros acerca da ocupação da mesma.

Podemos citar umas das principais, senão as principais obras acerca da ocupação holandesa da capitania do Rio Grande, as obras escritas por Gaspar Barléu, Hermann Wätjen e Luís da Câmara Cascudo.

Não obstante tais monumentais obras, apenas fragmentos literários e, mais precisamente a carta escrita pelo Governador do Ceará holandês, Capitão Gedeon de Morris ao Conselho doa XIX da Companhia Holandesa das Índicas Ocidentais, indicam com maior precisão a existência do rio Mossoró, especialmente referida carta.

No tratado descritivo de MOREAU e BARO, há menção de que no dia 13 de junho de 1647, das salinas e de um rio denominado Ipanema e Vpaneme, que era conhecido pelos portugueses por rio de Salinas e pelos selvagens Caru-Aretuma - que aparece em destaque no mapa de Laet -, e cuja descrição indica que houve confronto entre índios e não colonizadores, conforme nota nº 59 de Morisot:



"(No texto, falimos e penema). O Senhor de Laet, liv. 16º das índias Ocidentais, cap.6º, no qual descreve a costa do Brasil desde o Rio Grande até o Ceará, segundo Figueiredo, faz-me crer que se deve ler, aqui, Salinas e Ipanema e não Salinas de Vpaneme. O rio próximo de Guamare, na Capitania do Ceará, é chamado pelos portugueses Rio Salinas, e pelos selvagens Caru-Aretuma. Nos mapas do dito Laet, Salinas de Caruarama, notando-se um pouco mais acima, na direção ao Ceará, o Rio Vpanema. Ele acrescenta que se pode tirar muito sal do dito Rio Canarama, que chama, também, de Carvvsretame (...)"

Ponto crucial, portanto, reside na descrição feita na carta de Gedeon de Morris, 14 de fevereiro de 1641, no qual descreve a descoberta das salinas do rio Yvipanim, foz do atual rio Mossoró, muito embora haja menção à outra carta data de 1º de janeiro de 1641, registrada pelos Dagelyksche Notulen.

Dessa forma, quanto ao o critério cronológico do descobrimento do rio Mossoró resta prejudicado diante de tantas supostas datas.

Entretanto, quanto à denominação de rio Mossoró, vê-se, que o documento do livro de tombo da diocese noticia a sua utilização já no ano de 1772.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Capistrano de. ***Capítulos de história colonial (1500-1800)***. M. Orosco & C., Rio de Janeiro/RN. Edição *fac-similar*.

BARLÉU, Gaspar. ***O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau***. Brasília: Edições do senado federal, 2009, vol.43.

CASCUDO, Luís da Câmara. ***Geografia do Brasil holandês***. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1956, Coleção documentos brasileiros, vol.79

LIMA, Nestor. ***Municípios do Rio Grande do Norte: Areia Branca, Arez, Assú e Augusto Severo***. Edição *fac -similar* da revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Coleção mossoroense, Série C, Vol. DXCV, 1990, Mossoró/RN.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. ***Índios do Açu e Seridó*. Edição *fac-similar.*** Natal, Sebo Vermelho, 2011.

_____ ***Holandeses no Seridó Colonial***. Revista O Potiguar, nº 43, ano VII, Natal/RN, Junho/Julho/2005.

_____***Os holandeses na capitania do Rio Grande*.** Natal: Sebo vermelho, 2010.

MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. ***História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e relação da viagem ao país dos tapuias***. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, coleção reconquista do Brasil, vol.54, 1979.

ROSADO, Vingt-Un; ROSADO, América. ***Os holandeses das salinas do rio Mossoró***. Mossoró, 1987, coleção mossoroense, vol. CCCXXXIII.

SANTOS júnior, Valdeci dos. ***Os índios Tapuias do Rio Grande do Norte: Antepassados esquecidos***. Mossoró/RN, Coleção mossoroense, série C, vol. 1531.

SOUSA, Gabriel Soares de. ***Tratado descriptivo do Brasil em 1587***. 2ª edição, Rio de Janeiro, Typographia de João Ignácio da Silva, 1879. Edição *fac-simiular*.

SOUZA, Francisco Fausto de. ***História de Mossoró***. 4ª edição, Mossoró/RN: Coleção Mossoroense, série C, vol. 1577, abril 2010.

WÄTJEN, Hermann. ***O domínio colonial hollandez no Brasil: um capítulo da história colonial do Século XVII***. Trad. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, Brasiliana, vol.123, série 5ª, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.